

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SECULO

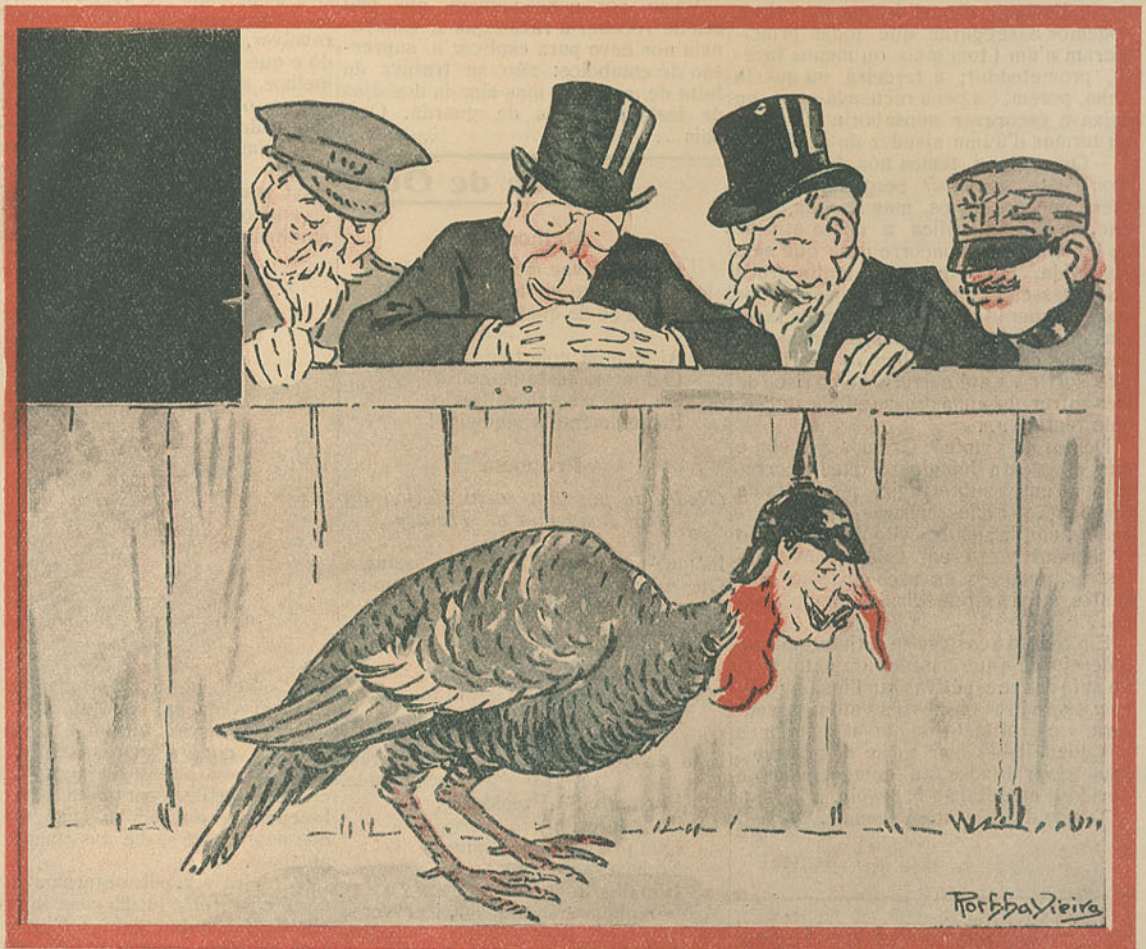


Director ADACIO DE PAIVA

Propriedade de J. DA SILVA GRACA, Lmta.º

Redação, Administração e Oficinas—R. do Seculo, 43—Lisboa

PERU VELHO!



Preparando para o Natal.
— Isto não serve nem para canja!



PALESTRA AMENA

Seriedade

Acontece-nos n'este momento, quando agarramos na pena com o fim de alegrar os leitores, uma coisa exquisita: não temos nenhuma vontade de rir. Nós, habituados a procurar o lado comico dos assuntos — e qual é o que o não tem? — que encobrimos a profundidade das nossas observações ou das nossas criticas com uma sorridente amabilidade, acabamos de fitar o espelho e reconhecemos que estamos carancudos, mal encarados, de sobranceiras carregadas, com o *risorius* de Santorini imóvel e rígido.

Ora, assim trombudos, salvo seja, como havemos de fazer aos leitores aquelas ligeiras coegas semanaes que tão bem lhes costumam fazer ao fígado? Confessamo-nos impotentes para conseguir semelhante resultado, por mais que rebusquemos pilherias, anedotas ou historietas. Começamos meia dúzia d'estas, cheios de boa vontade e podemos assegurar que todas principiaram n'um tom mais ou menos factivo, prometedor; á terceira ou quarta linha, porem, a pena recusava-se, e, ou deixava escorrer sensaboria no papel ou termos d'uma sisudez de papão.

—Que culpa temos nós do mau humor d'este sujeito? perguntarão. Não tem, concordamos, mas ha uma coisa que, se não justifica a nossa attitude de hoje, muito concorre para que seja absolvida. E é que, por muita graça que tivéssemos no actual momento, por mais inesperadas que fossem as facecias que lhes servissemos, estamos convencidos de que tambem os não fariamos sorrir e até correríamos o risco de lhes sofrer alguma grossa admoestação, pela tentativa.

Demos no vinte? Cremos que sim e que ninguém imaginará que recorremos a um subterfugio, por falta de imaginação; não senhores—esta, felizmente, continua espediatissima, como se demonstrará em subsequentes palestras, quando as preocupações presentes se tiverem dissipado um pouco...

Em todo o caso se se satisfazem com o desejo de que passem um natal feliz no seio das respeitadas familias, aqui ficam exarados os nossos votos de ventura, e o protesto de que não seremos nós quem lhes desmanche os prazeres, com severidades ou comentarios de duvidosa aceitação benevolente.

Temos dito e até á semana.

J. Neutral.

Comboios de festa

Deve-se agora uma inovação, muito de louvar, á Companhia dos Caminhos de Ferro: veem a ser os comboios rapidos em dias de festa, anunciando-se já um pelo Natal, de modo que temos

esperanças de poder ir ao Porto no dia de Reis ou em qualquer outro que a Companhia considere de gaudío, pois que os comboios ordinarios são em tão pequeno numero que é mais facil conquistar um logar no céu do que em qualquer dos compartimentos dos supraditos.

E' o primeiro passo para a normalidade, parece. Depois d'estes, estabelecer-se-hão comboios rapidos aos domingos, por serem dias de descanso;



em seguida ás sextas, por serem dias de jejum, e assim sucessivamente, ficando para o fim os comboios ás terças feiras, que são dias de azar.

Vê-se, por consequencia, que não era de receber a razão que a Companhia nos dava para explicar a supressão de comboios: não se tratava da falta de material, mas sim da dos dias de festa e santos de guarda. Ora, pois...

Torre de Ouro

Melhoras

O senhor vae melhorando,
Já o ventre se lhe solta...
Volte cá de quando em quando.

Aí de mim com tanta volta!
O doutor, desta maneira,
De tudo me vae voltando
E juntamente a algibeira!

Proposta

(Redigida por um socio efetivo da Real Academia de Tretas)

Indigna-me Esta ignorancia absoluta
Que a jente temos, da lingua Nassional
Lê-çe pouco, escreve-sse Munto mal
l o que s'aprende é só á força Bruta;
Sendo este povo aliaz

O povo mais prespikkk!...
Pelo menos é ésta A Geral opinião,
I é tolo quem dicér que não.

De resto diga-se a berdade
Esta academia tem n'isto enorme responsabilidade.

Portanto, Sô Presidente,
Eu k intenda
Que pra esta academia
Sô havéra de intrar,
Não digo toda a gente
Mas só quem çóbesse ler, iscrever e contar

Suffrivelmente
E pra se ser lauriado
Saber pegar toiros e cantar o Fado.

Luiz Calado Nunes.

(De «O Meu Molinho»).

Dourada

Trata-se d'um peixe chamado *dourada*, agora á venda em Lisboa, com a explicação previa dos logistas, em letreros que dizem: «A dourada é um peixe de primeira ordem, superior ao bacalhau e ao atum.»

Lembra-nos certa lista exposta n'um estabelecimento do Estado, para uso dos funcionarios que tinham de cobrar o imposto do pescado, na suposição de que fossem fracos em ictiologia, e que dizia que o bacalhau é um «peixe que depois de seco não se diferencia» e que a «baleia é o peixe maior que ha!»

Quasi morto

O assunto nem por isso é muito agradável de abordar, mas o nosso dever é trazer o leitor a par de todos os acontecimentos importantes — e não se dirá que um deles não seja a tentativa de suicidio do Kaiser. Narraram os jornaes que ele tinha disparado um revolver, apontando á cabeça dum dedo e que por pouco não foi desta para melhor, mas nós sabemos muito mais — que o homem já quiz pôr termo á vida nada menos de quatro vezes.

A primeira foi por meio do veneno. Ingeriu ao jantar, misturados com a sopa, nada menos de tres decigramas de amido em pó, sem pestanejar nem manifestar o menor sinal de desfaleci-



mento. Felizmente o estomago não lhe recebeu o amido: vomitou-o.

A segunda vez tentou atravessar o coração com a faca de cortar papel. Malogrou-se a tentativa porque a faca era de marfim, sem ponta nem gume, fazendo-lhe em todo o caso uma nodoa negra, que só se desvaneceu com alvaiade.

Terceira vez, pelo enforcamento. Pediu á costureira lá da casa um carrinho de linhas da maquina Singer e fez uma laçada no pescoço, mas com tanta força que a linha quebrou-se antes dele deitar a lingua de fora.

A quarta, foi a que os jornaes contaram.

E' de arrepiar os cabelos a todos os carecas!

**Carta do Jerolmo
ao sr. Gil Vicente***Inselenticemo sinhor.*

Cumo a jente nan çabe a quem sade derejir tomo a liverdade de iscrever estas duas regras a voça inselencia prumeiramente para çaber da çua caude i mais da ubrigasão i òs pois pra le fazer uma quecha arrespeito du triato nassional, visto que voça inselencia istá en riba da faxada i pairesse que é u dono dele.

Çaiba voça inselencia ca caba de cer numiada uma cumisião pra reformar u dito indeficio i que u abacho acinado cujo otor tanto tem pugueda pellos purgreços da arte triatal entre nóz nan figura na dita cumição i ninguem ce alembrou du nume d'ele! Pur mudestia nan quero fallar na minha ótoridade cumo imprezario du Paulitiamas de Pêras Ruivas adondes tanho levado a arrepersentar as perinspais somidades artistegas, cumo u grande Cena, i oitros, nan fallando in que istou in negusiasões cum a cumpanhia du jinasio, que é a prumeira du mundo, mas bastam as meçivas criticas que custumu mandar á



minha amétade pra ce ver que có eu é que poço pôr a dereto u triatro nassional, in vista da minha cunhesida independensia: Quem numiriam? Inçeto dois ou tres tudo jente que tem intreces nus triatos, pur conceguinte çuspeitos; nan sito numes mas leia voça inselencia a lista que veio publicada i verá que imprasialidade podem ter peços que fazem pessas ó que as arrepresentam.

Infin isto é um desabaffo sómentes, cendo inté pucivle cu governo aindas imende a mão i me numeie, açim cumo ce alembrou du sr. Cuelho de Cravalho já ós pois de publicudo in decreto. A cer açim nan faz mais ca çua ubrigasão.

Esculpe voça inselencia i mande u amigo i ubrigado

Jerolmo.Emprezario do Pauliteama
de Peras Ruivas.

Posde iscrito—Pur cosa desta carta decho de iscrever oje á minha cumpanheira arrespeito da pessa du meu patrissio Afonço Gaio, *Avel i Cain*, ó *A luta entre u capital i u trabalho*, ó *ainda De cumo ce insina mal a injenharria na Beljica*, ó *intão U uperario da casa de pinhores*, ó *pur oitra: Quem é u pai du filho du Pato Muniz?* Talvez fique para a oitra vez.—J.

EM FOCO**O menino Jesus**

*Meu menino Jesus de pasta ou gesso,
Que tive quando andava dde gatinhas,
Que foi feito de ti? Não me acarinhas,
Perdi-me para sempre emm teu apreço!*

*De ha muito que os teus oblhos não mereço,
Por meus pecados, por maaldades minhas,
Que mãos ou garras fortes e daninhas
Me levam para um mal que desconheço!*

*Ai, quem me dera que eu ainda fosse
Aquele pequerrucho entusiásta
Por presepes, anjinhos e cordeiros,*

*E para quem sorrias meiggo e dóce,
O' menino Jesus de gesso cou pasta,
Quando eu me descuidava i nos cueiros!*

BELMIRO.

O nevoeiro

Com uma atenção pela nossa fiel aliada, muito de louvar, Lisboa tornou-se na ultima semana inteiramente londrina, não se vendo um palmo adiante do nariz, com o nevoeiro. Seguem algumas notas que conseguimos tomar, a proposito,

* * *

A D. Geneveva, casada com um 5.º oficial de certa secretaria de Estado, magro e altissimo, combina encontrar-se com ele na Baixa, á hora da saída da repartição, o que pratica todos os dias, porque é esposa extremosa. Chega ao sitio da entrevista e exclama, sabendo que faltam cinco minutos para as cinco:

— Ainda bem que saiste mais cedo! Toma!

Mas ao dar o beijo costumado recua espavorida:

— Ai que é um poste dos telefonos!

Era, efétivamente.

* * *

Na rua do Ouro. Um sujeito, indignado, sentindo que lhe tiram o relógio:

— Largue, seu gatuno!



O gatuno cortez:

— Peço desculpa. Imaginei que essa algebeira era a minha...

O Chico Redondo segue muito desencanadamente a rua do Alecrim, quando de subito, sente que alguém trepa por ele:

— Que é isto?! beerra com assombro.

O outro, descendo apressado:

— Mil perdões. Pelo volume julguei que fosse um carro elétrico!

Correspondencia

Tito Livio — Era o qque faltava! publicarmos versos em latim, n'uma terra onde tão pouca gente s sabe portuguez! Ponha isso em lingua dde gente e veremos.

C. L. Estrela — E' ppara isso que se fizeram os galegos: çhaame o da esquina da sua rua e mande ç por ele a declaração d'amor. Nós não somos d'esses.

P. Pulga — Morde, mas não importa. Opó inséticida da nossa indiferença tem muita força.

Jan-jan — São tantos e os escritos que nos mandam com o assunto dos seus versos, que não ha possibilidade de os publicar a todos. Depoisis, a variedade é que deleita. Em todoo o caso fazemos justiça aos ditos versos: estão corretos e alegres.

Livros, Livrinhos e Livrecos

Dôr que mata, por Vicente Arnoso — E' tão simpatico o nosso Vicentinho, procura com tão bom modo fazer-nos acreditar que vai ás iscas como qualquer de nós, que por pouco valor que obra sua tivesse nuunca nos atreveriamos a dizer mal d'e'ela. Felizmente, porém, atè agora aindá não precisámos de benevolencia ppostica, porque não nos tem dado senão p pecinhas amaveis e sinceras, como a ç de que tratamos. Bem haja, como se e diz lá para a Beira.

QUIETINHA...



A «MISS»:

— Se a menina faz mais alguma maldade, dou-lhe tantos
açoites que nunca mais tem vontade de brincar!